

## EDITORIAL

O prêmio Nobel de Física de 2021 foi dividido entre os físicos Syukuro Manabe, Klaus Hasselmann e Giorgio Parisi. Apesar de suas contribuições apontarem para temas aparentemente distintos, o denominador comum que está na base dos trabalhos dos três são os chamados sistemas complexos. Posto de forma simples, esses são sistemas compostos por um grande número de entidades que interagem entre si de forma não linear, tal que o comportamento global não pode ser descrito olhando-se para as partes isoladas. Em outras palavras, sistemas complexos resistem à lógica cartesiana de forma que o todo é maior do que a soma das partes. Tomemos, por exemplo, uma única formiga ou um único peixe. Apesar de serem organismos formidáveis, seus comportamentos isolados ou mesmo quando interagem com alguns poucos de seus pares não trazem muitas surpresas. Uma colônia formada por milhares de formigas ou um cardume de centenas de peixes, por outro lado, revelam fenômenos admiráveis, dificilmente previsíveis a partir dos conhecimentos que se tem da formiga ou do peixe, tomados isoladamente.

Esse tipo de comportamento, por sua vez, não é exclusivo de fenômenos naturais. Relações sociais, economia, política, sistemas de comunicação e mercado financeiro são alguns exemplos de fenômenos que também são estudados a partir do prisma dos sistemas complexos. Seguindo essa linha, temos que admitir que a educação, em suas mais diferentes esferas, também integra essa classe de sistemas. Tomada em escala nacional, por exemplo, o Brasil, com uma enorme diversidade cultural, étnica e econômica, conta com centenas de milhares de

escolas e demais instituições de ensino em mais de cinco mil municípios espalhados em uma área continental de 8,5 milhões de quilômetros quadrados. Considerando essas dimensões e a subjetividade inerente do processo educacional, é muito difícil senão impossível, mensurar os efeitos sociais, econômicos, tecnológicos e culturais da educação no Brasil a partir das contribuições das entidades e atores fundamentais que a integraram.

É considerando esse contexto que os Institutos Federais (Ifs), capilarizados em todas as entidades da federação, oferecem uma educação pública, gratuita, de qualidade, plural e emancipadora a milhares de jovens e adultos, procurando não só capacitá-los para mundo do trabalho, mas também transformá-los em cidadãos críticos, reflexivos e atuantes na sociedade. A Revista Iluminart, desde sua criação em 2008, tem colaborado com essa empreitada difundindo conhecimento científico nas mais diversas áreas e, mais especificamente a partir de 2018, na área de educação e ensino. Para a presente edição, convidamos a Profa. Dra. Rosana Ferrareto Lourenço Rodrigues, docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, campus de São João da Boa Vista, para nos conceder uma entrevista e compartilhar sua experiência na área de educação, ensino e comunicação científica. Também nessa edição, encerro meus quatro anos como Editor-chefe da revista e passo o bastão para o nosso querido colega, o Prof. Paulo Sérgio Adami. Desejo a todos um 2022 com muita paz, respeito e serenidade e que façamos das eleições uma bela festa democrática.

Olavo Henrique Menin  
Editor-Chefe